

JORGE WANDERLEY

# ADIAMENTOS

## POESIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
EDITORA UNIVERSITÁRIA  
RECIFE — 1974

*Para MÁRCIA*

## MARGENS DE MAR

Tem o tempo um saber? Vaga secreta  
quebrada às praias do amanhecer,  
rindo na espuma a frase mais concreta?  
Sabe o tempo esquecer, ante rochedos  
visitas antes feitas por acaso  
e nunca desvendadas, seu segredo  
perdido à flor do mar vadio, raso?  
Pode a completa vaga, renascida,  
a seu comando pendular — fugir —  
a seu destino breve — se ocultar —  
e repetir palavras já sabidas  
e à pedra da memória devolver  
os golpes de inscrever e de gravar?

Sabemos nós, além do que nos toma,  
levar nosso passado até sofrer  
nas veias o martelo em que se soma  
às têmporas o sonho de viver?  
Que marca já levamos, nos cabelos,  
na pele enxuta, contra o sal dos ossos,  
que à morte nos consagra e com tal zelo  
que os dedos que cruzamos contra os nossos  
já são a própria morte que adoramos  
fingindo amor a mortos, como estamos?

Mortos enfim, nesse terceiro dia  
a cruces consagrado, terno enredo,  
manhãs ressuscitadas se adivinham  
nas fímbrias de umas cores sob os montes;  
um pássaro qualquer nos anuncia  
o tempo de voltar e o faz com medo,  
somente em sílabas, que se encaminham  
como asas rápidas para o horizonte:  
esta canção é breve e dissoluta,  
e breve e raro o ouvido que a escuta.

Pobre tempo de amar, que despedimos  
à flecha mais dourada e quebradiça  
lançada a um céu que já não consentimos...  
Pobre tempo de amar; uma enfermiga  
palavra que dissemos, penetrados  
de um mal aos outros males destinado:  
a cegos olhos vem, já tarde, o aviso  
do quanto desejamos, imprecisos,  
um sumo de outros frutos, outros ramos.  
A baixa nuvem sobe o que sonhamos.

## CANTIGA DE RODA

*a Luís Afonso Sarmiento*

E a mim me disseram — “Viva,  
no paraíso sempre falta um”.  
E a porta mais festiva me apontaram,  
passagem para todos e comum  
a quantos neste círculo de vozes  
contra a brisa dirigem seus mistérios.

“Viva”, me disseram, “viva,  
a morte já nos ronda saturada”.  
E os cantos eram luz, que me mostraram,  
e o tráfego de deusas aclaradas  
seguia pela aurora onde umas rosas  
pintavam contra a nuvem seus impérios.

Foi o que disseram: — “Viva,  
só versos há, perfeitos, neste rumo”.  
E a mão lhes aceitei, mas eram ossos,  
e o fruto lhes colhi — não tinha sumo —  
e os ouros que mostravam não brilhavam  
nem eram ouro nem o que eu ouvia  
de vozes mágicas já me sabia;

— “viva”, disseram depois,  
sorrindo me disseram, “viva agora  
para aprender a dividir a dança  
de onde a luz se imagina; mas a aurora  
você já vê que é gume de outra lança  
e o que nos cabe é o mel de quando ouvimos  
as ordens de viver que repetimos”.



## VIAGEM: O BAR AMARELO

A glória de outros montes hoje está  
pousada como pomba em edifícios.  
A flauta de antigos pastores  
sobre cavalos roda seus ofícios.

Estátuas há, de espadas, de clamores  
e de um maestro cravado à partitura:  
congelado no pensamento de um acorde  
não ouve o grito dos marechais.

A solidão é amarela, neste bar  
de amarelas cadeiras já vencidas.  
Os inumeráveis movimentos circundantes  
são menores que a memória.

Os homens todos ficaram velhos,  
todas as mulheres distantes.  
Nesta vitrine não toques, não há vida  
por trás do vidro: há apenas colocações, como nos  
[retratos.

Pobre tosse sofremos nestes ermos  
contra o vidro fiel, guardião das cenas.  
Ficou noutras planuras uma ode  
onde as palavras ainda são pequenas.

Pobre ouvido aplicamos  
contra bocas de rocha.  
Pobres papéis nos garantem o peito  
contra a prisão e as manias do vento.

Não quero esta cidade  
onde as gravatas dos velhos são atadas por sobrinhas  
e os velhos se eternizam com seus cães  
e vão à praia ouvir chegar o tempo.

Não quero, pois o tempo não virá  
na barca obrigatória que perdeu.  
A morte e o tempo, quero tropicais  
numa cidade azul que o sol severo

obriga a ser severa:  
uma cidade onde o canto se escute  
persistente entre penedos, mas onde os deuses  
desapareçam, como os homens,  
jovens.

Sempre te quis louvar, obsceno pássaro da noite,  
e à tua negra juventude entre colinas  
e a teu passeio breve na planura  
e às curvas calmas em que te reclinavas.

Quanto soberbo estás, que me reclamas  
sem nada reclamar?  
Como posso na peleja, contra as asas  
que te repousas, me desencantar?

Sempre te quis louvar  
saído das vielas mais escuras  
para pousar no colo de meninas;  
sempre te quis e ao teu passado grego

louvar como quem morre, quem se entrega  
numa palavra última de si  
e de quanto viveu à tua sombra,  
pássaro quase morcego

parado numa concha que não provas.  
Certeza rigorosa, teu triângulo  
se corta entre lençóis que te amenizam  
e estás dormindo em tua fúria antiga.

Sempre te quis louvar, inalterado,  
em teu silêncio que pousaste quente  
mas palpitantes, silêncio de quem  
pesou todo o cantar e se consente

à pausa consagrado, sem revoltas,  
veludo sobre o trono.  
Sempre te quis louvar, pássaro obsceno,  
sensível pássaro que vem das chamadas.

Se eu sair desta natureza que não vejo,  
se ainda mais lamentar este canavial que não entendo,  
se esquecer Pessoa, Lisboa e tudo e Tejo  
e já não admitir o gume a que me rendo

e se não mais souber que o puro desfastio  
é que me mantém vivo ouvindo o que me digo  
e não falar dos frutos mesmo sem plantio  
e não comprar tão cara a dor que me persigo,

é que já vou somado à cifra dos que morrem  
na plácida inocência de imagens vencidas  
e devo socorrê-los quanto me socorrem  
sorvendo em minhas vidas sua vida.

Ah, maravilhosa criatura marcada na testa  
por uma gota de sangue ou uma gema indiana  
— é o que dizem.

Não sabem que apontam lanças de metal severo  
e meu corpo já marcaram com setas católicas  
que me cravam à árvore.

Não sabem que minha condenação estará pronta,  
que terei escrito para o meu endereço a palavra morte  
e que ela viajará repousada sobre o meu próprio  
[sinete.

Varandas, já sem as redes.  
Quintais que se encurtam.  
Um adiamento de ilusória luz  
enquanto a nuvem ronda, ruminando carnes recentes.

E pouco mais: o denso, discutível  
benefício de visgo do mormaço  
que pelo campo tímido colheu  
as últimas inocências.

Na aposentadoria das pensões  
onde não chegam notícias, jornais,  
o último sol penetra uma janela  
para logo ser varrido:

há que manter a sombra muito limpa.  
Nenhum sinal de violência nas ruas  
e as ruas em sossego pedem frio  
ao vento surdo.

As pontes descobrem  
que sempre estiveram deitadas.  
Que separam margens antigamente chamadas de ilhas  
como quem desaparta uma briga.

O mar está longe, a noite vai comê-lo  
e estrelas irônicas piscarão à sua memória  
e à memória do dia que deslizou ladeira  
para morrer cravado entre edifícios.



Se, meninos, vossa compleição ainda  
 recorda o leite, mas  
 se há também em vós aquele recuo que precede  
 a formação da vaga enquanto um silêncio  
 de condenados se faz no mundo

e se havendo já uma sensação de perda  
 que até recorda martírios e leões,  
 legiões inteiras de conformados,

há também  
 o ruído da ameaça, o início do lento  
 movimento da árvore se despenhando sobre  
 rastejantes vegetais que a cortejavam,  
 resulta esta dupla face ante o mesmo espelho:  
 uma  
 que vem sulcada e do alto de suas cicatrizes  
 sorri benevolente,  
 outra  
 que da extremada maciez e ausência de sinais  
 identificadores sorri também.

E a culpa cabe apenas  
 a este equivocado objeto  
 que não reflete nada mas sabe o futuro e o passado  
 e a quem procura um deles  
 sempre oferece o outro.

*a Gastão de Holanda*

Eis a manhã se empoleirando nos muros;  
 abaixo deles se aninha ainda a noite.  
 A linha horizontal divide o galo  
 da aranha negra já encomendada.

Há plantas que o quintal volta a aprender  
 postas ao sol escolar, um abecedário.  
 Pequenos animais de vida inexplicável  
 rastejam, a séculos do amor distantes

e de outros sentimentos e dos homens.  
 Um pomar se anuncia por maçãs  
 e não há orvalho em manhãs assim tão quentes  
 que fazem ferver as letras do dia.

Há de chegar em breve o jardineiro  
 com joelhos flexíveis, acostumados  
 à vizinhança da terra.  
 Aguados os quintais, sair à caça

de ervas daninhas:  
 um conceito firmado lentamente  
 pelas mãos já vegetais do jardineiro.  
 O dia está. Como se fosse um ano novo,

um século iniciado com luzes,  
 os verdes de janeiro.

## O CONVITE

Olha-me como quiseses, sou para teu olhar  
o pasto  
por onde ventania agitarás gravetos  
e insetos frágeis, desprovidos  
do rudimento das asas.

Porém não a mim.

Olha-me com labaredas, num prenúncio que pretendes  
[cruel

de meu fim inadiável: nada me move.  
Espero à sombra e enquanto espero, as mãos  
vão me tecendo a rede à revelia  
e aumentam junto a mim alguns poderes.

Olha.

Tua ameaça já li há muitos séculos,  
por ela já passei e meu cadáver  
não há de compensar tua fome quando acaso  
me devores,

hiena

de ridícula audácia votada a mortos.

Os fatos são pequenos mas suficientes,  
os lugares são banais mas suficientes,  
espero-te à mesa, à calma de coqueiros  
e podes vir como peixe no cesto de um  
/ pescador:  
todas as formas são suficientes.

Teus poderosos servos, o mar e a tempestade,  
tuas anedotas, como o suicídio e os naufrágios,  
tuas agulhas, teus gânglios aumentados,  
teus brancos envoltórios, sorridentes e terríveis  
— a todos conheço.

Muitos corpos morri, entre medidas  
que prometiam o jornal de amanhã para me divertir:  
neles

procuro o anúncio de meu funeral, tarjado  
em tua cor draconiana

— sonâmbula —

que pensas visitar quem te ignora.

Desce de teu terror de plástico:  
acorda-me.

Isto que vivo, como os poemas,  
terminarei outro dia, em qualquer século,  
talvez entre colunas límpidas e louros,  
talvez cercado pelo mar inglês e coroadado,  
ou numa água-furtada de uma rua mal-

[cheirosa

de uma cidade sem nome

ou talvez entre rosas, ainda sob tua sombra assassina,  
ou talvez aqui mesmo,

agora.



## UM RIO. RECIFE

Nada se sabe do que me revolve  
as águas que disfarço das margens  
para não perturbar simetrias,  
casinholas,  
pequenos barcos falecidos na lama  
(principalmente um  
— verde —  
meio adernado  
perdida sua alma de barco:  
os ratos não precisaram abandoná-lo,  
morreu atolado como um trator,  
morreu sem a salvação do mistérios das  
[águas).

Vou comportado em destinos cartográficos,  
previsto em duas marés alternadas,  
uma régua fluída que mede o tempo:  
mas vejo.

Sei coisas que não direi (como um pomar de braços  
que poderia galgar até mulheres nuas).  
Sei coisas rudes e miseráveis  
resumidas num caranguejo dentro de uma lata  
ou gritantes como o corpo que é navio  
de ratos, de pequenos insetos.  
Não direi.  
Mas sei.

Custa caro me devorar a mim mesmo  
e ser sempre passado.  
Minha permanência é uma proposição insolúvel  
mas ao mesmo tempo, cinturão do mundo,  
conheço todos os ossos e todas as dores,  
incorporo todas as pontes:  
esqueço mas não esqueço.  
Foi a partir de minhas águas  
que descobriram: a memória  
é algo destinado à diluição ou à revolta.

## PENEDIA

Cada palavra é um último passo antes do mar  
embora o adiamento deste salto  
ainda me deixe a cor morar nos lábios,  
impeça que meus ossos  
(como o sal)  
imaculadamente brancos se desfaçam  
de seus invólucros. Ainda um pouco a doçura.  
O lábio ainda não azul.  
Não morrerei no mar nem nas alturas.  
De ouvir me igualo a todos  
e tão partido me divido em tantos  
que morro muitas mortes perfilhadas.  
Em meus cuidados deixo a vida toda  
à cuidadosa transação da boda:  
casei com meus anéis  
casei com meu futuro.  
Imóvel sobre a pedra  
me continuo na pedra, que nasce de meus pés  
e se deixa beijar por ondas genuflexas.  
A pedra generosa e única,  
isolada e inicial

foi feita à minha imagem e semelhança  
para gáudio de meu antípoda  
e glória do meu contrário.



Clara manhã cheia de adornos, a rotinas  
dedicada e a uma lembrança antiga  
de ultrapassados amores.

Clara manhã de verso obrigatório,  
da frase linear de dois jornais  
e de um café ameaçado pelo tempo:  
passam depressa os domingos.

Passam depressa os castigos, também.  
No fim, sobrevivemos aos pedaços,  
o rastro da ferida, como a boca  
aberto aos ventos, triturando frutos  
sangrados sobre a argila que esquecemos.  
Tudo nos marca os passos, mas são tantos,  
assim vermelhos, tão igual a história,  
que mal reconhecemos nossa vinda.

Passamos por aqui, o sangue o diz.  
Porém passaram outros, mesma cor  
na estrada de papoulas espelhada;  
tantos sangraram que esta glória absurda  
não nos distingue na manhã casual:  
não é senão cantar o mal comum.

Palavras na manhã se dissolveram  
ante poderes maiores e sonhamos  
o sono do silêncio na algazarra  
que está nas blusas onde escrito, AMOR  
reveste o peito ainda adolescente:  
— uma armadura contra o vento forte  
que é traiçoeira, chama a tempestade.

Um velho vê os velhos seus iguais  
nesta manhã de notícias inúteis.  
Está num banco rico em pedrarias  
diante deste mar e solitário.  
As ondas que o visitam já se atrelam  
ao carro que o convida à espuma, ao longe.  
O que ele vê não lhe está nas pupilas,  
já não é hora de pensar mais nada.

Um tempo se passou, que o chão recebe  
marcado de outras mortes e degraus  
estreitos sempre mais e deslizantes.

Como acontece a dramas coletivos  
uma barcaça passa longa e alheia  
à cor do sangue que transforma a areia.

Amarga matéria de que não me livro,  
este caminho é de sombra mas engana  
e uma amizade de cacto se disfarça  
e ficam transformados em pedra  
os risos que iluminaram por um momento  
a trança das lianas cá na estrada.

Agora sabedor de seus limões  
afago o silêncio destas asperezas  
resignado ao verde pobre e repetido  
onde tons que acenam para a luz  
mal sobrevivem.

Esta prisão onde estive por duas vidas  
aos poucos se abre para departamentos do mal  
e gradações do mal me guadam avarentas,  
me guardam adiado.

Aqui estou, campo verde, verde escuro,  
e enquanto caio me regozijo:  
a queda ainda não é o impacto  
nem é ainda esta ferida o grito  
e nem ainda é minha morte a dor.

Rápido flagrante entre rochedos,  
o salto é quanto basta  
para que eu veja esta praça onde pombos mortos  
bebem areia numa fonte vazia.

Consideradas essas aventuras  
contadas por manhãs, depois do sono;  
considerado este país onde se palpam  
melhor os intervalos que os objetos;  
considerando o mar desses cavalos  
à noite soltos e somente vivos  
se os passos que refletem são de vidro,  
tudo considerando, a mão se fecha  
e crispa e crava a garra no futuro  
da alma incendiada que persiste  
e embora consumida vai às ruas  
insolúvel como os peixes destinados  
à morte que navegam sem cuidado.

Um dia amanhecemos resumidos  
ou condenados a um ritmo.  
Algo na pele doura o que vestimos  
e os pêndulos do mar sonhamos verdes.  
Costuma-se dizer que foi o tempo  
com sua costura assassina, tecendo.  
Pobre malha pagã, deuses menores  
é que respondem por esta manhã.

Nesta em que descobrimos, hora tardia,  
todo o trajeto inútil, nos voltamos  
para o que foi provisório e nada disse.  
O canto que se escuta soa estranho,  
madeiras e metais sangram feridos  
por flautas sibilinas e mulheres;  
pobre sonata de mármore que ouvíamos!  
O rumo que seguimos era escada  
e agora vemos que não leva a pássaros.



Mas algo como as plantas no lajedo  
ou como as lajes mesmas, seculares,  
te louva os pés e a sombra, ainda;  
serão tão simples estes emissários  
por toda a vida? Acaso uma notícia  
do repetido adiamento não virá  
um dia em carruagens mais aladas?  
Agora o desejáramos e é tarde,  
agora inconformados já sorrimos  
despedaçados como o próprio espelho:  
não mais sonhamos e o antigo desejo  
nos abandona os ossos, ilumina  
aquelas que deixamos, nuvens condenadas  
ao éter e a vagar, como nós mesmos.

Aqui na minha altura te recebo  
e as ordens cumpro, de silenciar.  
Não será por minhas palavras siderais  
que o teu olhar deposites na pedra.  
Daqui se vê o mar, esta mensagem  
que nem agora decifras, já tão alta,  
o mar, este segredo da volta.  
Nota que ele se adorna e se disfarça  
e faz como quem vem procurar palmas  
ao pé da praia, verdes coniventes.  
Nota o colar, as rendas e a espuma  
sonhando embarcações e primitivas  
alvíssaras que acordam pescadores.  
Nesta visão transitória repousa,  
descansa aos meus pés e a plenitude  
imagina delicada e um pouco trêmula;  
mais tarde o verdadeiro mar verás:  
o mar que não sonhara coisa alguma  
além do sonho mínimo da vaga.

Tudo considerado e posto, pois, recebo  
no meu melhor silêncio a tua vinda.  
O pátio deste templo também dita  
ordens de vida e plantas e crianças,  
crava a bandeira do domingo nas manhãs.  
Nada revelará do que já sei  
à inocência que trazes, tão igual  
àquela com que vim, num século vencido  
e sobre a mesma pedra repousei.  
A mão se crispa e dizes que é mais uma  
daquelas rosas noturnas e tardias  
guardando sua luz de amor lunar.  
Assim seja. Mais adiante te espero  
no país da chegada, onde nos perderemos  
talvez por outras palavras,  
para que os círculos menores continuem  
seu mister progressivo e nos alcancem.  
Seremos então numerosos  
e como o vento vagaremos, sem eternidade  
[e sem origem.



## PAISAGEM, COM ELMO

*a Maximiano Campos*

Pobre cavaleiro de um reino dividido  
pobre reino de um cavaleiro dividido  
ah, pobres cavaleiro e reino,  
pobres passadas cruzais, desencontradas.

Longo caminho, longo e sinuoso,  
cercado por montanhas sonolentas,  
longas montanhas, sombras repousadas  
à sombra tão menor do cavaleiro;

pobre peito de amar do cavaleiro,  
pobre pulsar do pássaro escudado,  
pobre carne, fiel a seus desígnios  
por baixo da armadura enganadora.

Larga manhã, de braços estendidos  
por sobre montes abraçando o sol,  
larga manhã sem fim cravando à têmpora  
do pobre cavaleiro o seu compasso;

pobre país do cavaleiro armado  
que montes e manhãs logo amortalam,  
pobre país sem braço para a espada  
sem pluma para o elmo que olha o chão.

Livre caminho, este desfiladeiro  
tão desejada queda esta no abismo,  
completo e consumado este direito  
à morte e só na morte consumado.

Pobre cavaleiro dividido,  
um reino é pouco, é pouco um reino inteiro  
para quem dividido se reparte  
e na partilha perde a vida como as armas.

## O AR EM TORNO

*a Ariano Suassuna*

O salário da cascavel se faz de sol  
e de outros animais e de alguns silvos:  
guardado em parte alguma  
acumulado em bolsa biliosa  
explode todo em morte bailarina  
um dia.

Está novamente pobre, depois de morta,  
como quando nasceu.  
Já não tem caráter nem guizos,  
nada mais sabe: é como um seixo  
e guarda com as lianas o parentesco do verde  
que tinha nas entranhas e agora deita à areia.

É o que a circunda, que ainda respira.  
Há algum hálito na boca morta,  
um movimento na maxila em férias:  
ficamos longe.

Talvez tenha sido sempre assim.  
Ela é um nome. Nomes não morrem.

## A PONTE

É uma pena que as noites escancarem seu bocejo  
de mistura com ameaças de amanhã.  
Todas as coisas deveriam começar exatamente quando  
[terminam  
mas adormecer nos dá lição contrária.

Que reino penetrarei, cuja linguagem  
escapa aos meus ouvidos e onde as pessoas  
abrem a boca sem som, fazem sinais sem sentido  
e apontam aves agourentas que voam por um mar  
[ondulante?

Que me adianta este reino cuja palavra esqueci  
e de onde não trago moedas nem lembranças,  
a não ser o que chamam de sonho e não é senão  
a minha versão de uma novela interminada

com personagens mutáveis  
e cujo enredo só fará sentido nos assentos da morte?  
Que embalo me embala se tão cansado me acordo  
e ferimentos reconheço da batalha

que à revelia travei, tão sem sossego?  
No entanto começa tudo por uma ponte de prata  
e através dela meu cavalo voa  
e vê nuvens no pasto e num lago se admira,

meu pobre cavalo narciso  
que me carrega a seu inútil paraíso...  
Esquece que a volta é uma queda,  
um choque vertical e inevitável,

a clara luz que cega, revelada  
aos nossos olhos que tentavam fugir.  
Por pouco não permanecíamos lá, na sombra,  
mesmo sem nada entender...

## PARA NÃO FALAR

No parque, em baixo, os automóveis  
como túmulos enfileirados, ao repouso  
de árvores pulmonares, cheias de histórias  
e de pássaros e de acasos  
(como um fragmento de jornal molhado).

Tudo isto sem levar em conta  
as árvores que já não estão mais e cresceram  
como cresci, para o alto e alcançaram a morte  
enquanto em minhas médias estacionei  
e até começo a me aprofundar no solo.

Tudo isto para não falar de uma simples moeda,  
de um episódio que inaugurou a brutalidade do  
[mundo  
e de que resultaram radiografias  
e uma alvar afirmativa de que os meus ossos  
estavam íntegros.

Tudo isto para não falar do tempo, que circunda tudo  
com seu verniz disfarçado que reconhecemos  
apenas quando perdido, irrecuperável,  
uma anotação jogada fora  
e no abismo revelada: o passaporte.

Tudo isto para não falar na Dama, que move seus  
[peões  
numa cegueira curva e fina, de foice e lâmina  
e invade os mapas feita em mofo, mas permite  
que lhe chamemos Amor, Amada, ó mão esquiva que  
[na espreita  
reserva seu segredo e sabe o nome da morte.



1. O sol esbofeteia o rosto branco das casas  
mas uma sombra moderníssima  
protege o teto da igreja, que ainda dorme.  
Ah, frades favorecidos que tomam café à sombra  
enquanto os homens do mercado  
recobrem seus peixes com vegetais molhados.
2. Vou à janela para ver o dia  
que me visita correto.  
Traz o calor, num envelope de plástico  
que deixa em meu colo, como quem diz  
— Resolva...
3. Belo dia de sol, que detesto,  
antigo dia de sol e de praia  
e de estar bem, obrigatoriamente:  
saudades de ontem, que choveu cinzento,  
[fez frio,  
tudo me deu, nada exigiu...
4. Não há nenhum tempo para ler poesia  
e menos ainda para romances volumosos.  
Ainda assim, fósseis antecipados,  
escrevemos poemas insolúveis, livros não  
[vendáveis,

e nosso nome imaginamos numa estátua  
que um dia estará totalmente enegrecida  
pela tarefa dos passarinhos  
que não podem voar carregados  
de tanto peso.

5. Mas um novo dia aí está,  
aí os novos passarinhos,  
que já começam a cantar, nos ramos finos:  
não pensam estátuas, mas nós pensamos neles  
e hoje, por tédio ou vingança prévia, dirijo  
uma sonora cusparada a seus nomes angélicos.
6. Descido de minha divindade, vejo a mesa  
cobertas de livros.  
Poderiam ser uvas e vinhos  
ou a boca aberta e pasma de um leitão dormido.  
Soberbo, manipulo meus papéis,  
humano, penso passas e manjares.  
Pobre corpo habitado e dividido  
por tantos inquilinos.



Plácido tempo, este em que nas parreiras  
incertos sóis e luas reconhecem  
os verdes de janeiro, ora brilhantes,  
os verdes de janeiro, uma noturna  
consumação de folhas mitológicas.

Nas águas peixes calmos se repetem,  
repousam seus horóscopos na sombra.  
Alguém, que ao sol dourou tanta energia  
escuta agora o coração pousado.  
Os corpos estão bem, num dia assim,  
na palma da quietude figurado.

São raras estas vozes, as matinas  
ao pé de antigas várzeas, estas vozes  
imitando um silêncio de mosteiros.  
Na ida, dois cavalos se encontravam  
e macho e fêmea, uma faísca múltipla  
de seus corpos exatos desprendiam:  
perfeitos como a relva, como as árvores,  
— na terra indispensável inteireza.

Na volta havia um deles malferido  
e o outro o percebeu, por menos luz  
que de repente o campo declarava:  
seu grito lancinante foi de guerra  
e dor e de batalhas e de espadas  
e um cavaleiro amava seu irmão  
e a seu par galopou, desesperado;  
parados, reunidos, contra o sol,  
na luz se refizeram: o que era sangue  
subia aos montes na tarde caída.

Nada mais se inscreveu neste meu dia  
sagrado, em paz, de verde e de janeiro,  
em que mosteiros vi (que não havia)  
e vozes escutei (que não sabia)  
e a vida amei no amor de dois cavalos  
soberbos, desenhados no crepúsculo.  
E acaso não amasse e nem os visse  
não viriam agora, do meu sangue?  
No entanto foi seu sangue que sangraram,  
e com meus olhos vi, meus olhos tintos,  
antigos nos ofícios que perseguem;  
foi o que vi, que me ficou na carne  
e neles me demoro, ao mesmo grito  
e ao galope em socorro de mim mesmo.

Ah, não dar mais esta espera a mensagens alheias,  
 não mais tirar do corpo o que o consome  
 mas que ele exige sempre e que lhe falta;  
 não mais.

Existirá talvez neste sepulcro  
 alguma matéria que a química do azar torne respirável  
 e sendo embora de um verde venenoso  
 há que passar com ela a outros desertos.

Foi generosa de sombra e vazia de uvas a parreira  
 que resultou liana  
 e me apertou os pulmões  
 no seu amor de agulhão.

Ah, repelente memória que abre a porta às palavras  
 e se escoar crepuscular, por entre dedos  
 sangrados no sol descido: a diferença  
 é que amanhã ninguém ressuscita

e a pedra vai ficar no seu lugar  
 e uma ascensão luminosa não haverá  
 e por tudo isto não há o que conferir.  
 Todo o passado somado, seu resultado é número.

O número frio que procura uma fronte  
 em que se inscreva ainda que a faça novamente  
 [sangrar,  
 mas nenhuma encontra, já que estão todas ocupadas  
 por coroas variadas.

Aquilo que ladra  
 não é mais um cão.  
 Alçada a pastos celestes  
 é tua criação.

Na dependência  
 deste riso que te desceu às rugas  
 quantas crianças  
 a partir do teu rosto errarão a vida?

Teus sentimentos,  
 que caminhar de selva escura...  
 Sem rios nem verdades  
 nem nada que nasce, nem que ecoa.

## INTIMIDADE

Intimidade grave e tão precisa  
há muito me amedronta:  
ergue em teu nome, serpente indivisa,  
tua proeza tonta.

Intimidade assim tão delicada  
em fera me afigura.  
Sabendo embora o rito da cilada  
chamo-lhe doce urdidura.

E o prêmio devoro (ou me devora?).  
A malha me esclarece  
o corpo que se entende agora  
real no que esquece.

Sei por que vou mas vou de passo frio  
entre as minhas feridas.  
Sou tão íntimo de mim como um rio:  
cavalo amando a brida,

profeta que estuda o calendário.  
Intimidade rude  
sei que me toma: e temerário  
abraço-a quanto me ilude,

piso sementes sem que lhes veja  
qualquer futuro torto  
também extinto e que entre tantos, seja  
eu mesmo  
eu mesmo  
morto.

## VARIAÇÕES SOBRE TEMAS PESSOAIS ANTES VISITADOS ÀS PRESSAS

1. Duas mãos deverão estar próximas  
para fazer a branca  
e solitária pomba sobre as águas.  
As mãos separadas fazem apenas hemisférios.
2. Uma coluna estará grega  
e decapitada, na planície.  
Uma paisagem muito visitada  
Mas que a ninguém diz o que pensa.
3. As árvores nuas estão saudosas  
das bruxas e do caldeirão.  
Neste mundo louco as velhas adormecidas  
sonham bálsamos definitivos para princesas.
4. As igrejas endomingadas  
desaparecem na segunda-feira.  
Procurá-las na semana  
é como o vazio de um sino.
5. Máquinas, altares, pergaminhos,  
a normativa cor destas manhãs.  
Aldebarã, procurador de caminhos.  
Um colar desfeito, dentro de romãs.
6. Eis um resumo deste mês de agosto  
que sempre se reserva truques.  
As palavras cansam, os meses não.  
Os meses não são obrigatórios.



Todo o tempo me pesa ao corpo usado.  
Trago o passado, malha mais perfeita  
para as melhores cadeiras.  
Mas sou contemplado

por olhos de assassino: a brincadeira  
que mais diverte este menino armado  
é me apontar a luz de uma espingarda acesa  
a mim, que fui de pólvora moldado.

Por essas e por outras, vou cansado.  
Usei palavras de tanta leveza  
e nada adiantou: volto à primeira  
e costumeira estação.

O trem?

Parado.

Nessa manhã com chuva, assim favorecida  
de curvos tons cinzentos e de folhas,  
ouve diálogos comportados e contidos  
entre formas inimigas

como a sentença e a escolha  
achados e perdidos  
o teto e a viga.

É uma manhã de março, quase anoitecida,  
estreitando o parentesco dos extremos:  
algumas semelhanças refletidas  
fabricam lagos mansos, continuam  
o remo na mentira de outros remos.  
Uma tarde cinzenta; uma medida  
para alguns séculos que lhe devemos.

Pelas águas expectantes, a suicida  
passeia flores úmidas, sabendo  
palavras de começo e despedida.

Tem o nariz de damas infelizes.  
Tem um vestido longo, dedicado  
à vida curta de que vai vestida;  
pensa menos o verso que os deslizos.

Ou nada pensa.

Antes escuta, súdita contrita,  
um canto que excluía, recompensa  
que agora aceita, reino definido.  
Talvez morrendo à mesma imagem, se repita  
o roteiro de Ofélia, a mesma sentença.

O rio sonha morder a gaze do vestido.

## PAISAGEM NOTURNA

Hoje não posso dormir  
porque os passarinhos fazem voltas em torno da  
[minha cabeça  
e quando procuro o travesseiro  
aumentam sua algazarra de protesto.

Sentado na cama, verifico  
que lhes sobra mais espaço para as asas  
e o vôo se torna largo,  
oceânico;  
e ficam menos numerosos.

Na realidade vejo que diminuem muito  
até que agora somente um  
(plano e branco)  
percorre majestoso um céu sem nuvens  
e já não tem pressa, nem canta.

Seu nome é Silêncio, tem compasso lento,  
e seu corpo tende para o infinito dos mares;  
é ele quem leva a palavra à linha distante,  
a palavra que não dirá como quem ordena  
ou como quem pede.

Depositará, apenas, quando chegado  
à raiz do tempo, no joelho do horizonte,  
seu minúsculo verso:

“amanheça”.

## SOCIEDADE

Um quadro, a mesa longa destes donos:  
os cães entre joelhos se defendem  
de olhares que recíprocos desvendam  
sua secreta espera, em tudo igual.  
Acima deste plano a tábua rude  
reveste-se de rendas e o rubi  
difunde-se nos copos e no sangue  
abandonado da aurora.

A cor negociada por janelas  
sabe o destino azedo que a devora.

As mãos são delicadas e insinceras.  
Os olhos que aparecem são de vidro  
e recriminações pausadas são  
disfarce de outras lanças, outras feras.  
A refeição adia as insolvências  
e o cão mastiga uma fração pequena  
da carne farta que o espera exposta  
quando soar a trombeta.

Pelas janelas passa já finito  
o lume procurando outro planeta.



## OS CINCO, O SEXTO

Cansa-me o que vejo, nesta parede onde imagens  
se formam por si próprias como deuses  
e ficam barbas e nuvens e Dianas caçadoras  
de gamos transformáveis em libélulas.

Cansa-me o que escuto, nesta música nada anedótica  
onde todos os sentimentos moldam os corações como  
/se fossem de barro  
para depois arremessá-los contra a espada impiedosa  
de um clarim  
e resultar no mesmo silêncio de onde partíramos com  
dúvidas.

Cansa-me o que toco, usando meus dedos de artesão  
ou lavrador, a um só tempo rude e relojoeiro,  
ignorando a ruga na pedra ou distinguindo poros  
na superfície inconsútil dos espelhos.

Cansa-me o que me vem e chamam de perfume  
e lembra a coroa de alguns mortos incoroáveis  
e a hipnose que viajou pelo éter até à loucura de  
/Ofélia  
para finalmente afogá-la e lembrar seu nome a  
/Virgínia Woolf.

Cansa-me o que à boca discernida me encomendam  
e em ostras ou no vinho se põe a repetir antigo destino  
a vermes reduzido, sem que a memória das origens  
lhe possa perdoar a execrável alquimia inútil.

Só não me cansa aquele, que chamam de sexto,  
/sonhando premonições,  
mas que está muito acima de tudo isto, de pássaros  
/e de augúrios  
e que às vezes me toca no meio da noite como uma  
/pluma negra  
que encontra na penumbra uma sombra sua igual  
e se completa, sem explicações.

## PARA AMANHÃ

*a Ricardo Oliveira,*  
que tem o mar à direita.

Nem sempre é o vento que abre estas janelas  
E agita vegetais já resignados.  
Às vezes, noite-a-dentro, um ser antigo  
Surgido de outros montes lança um dado  
Acaso tumultuário entre cortinas:  
Espírito de amargas caravelas,  
Sabor de sangue ao fôlego tomado,  
Chega (nem sempre o vento) e busca abrigo  
Na sala, pelos móveis, lado a lado  
Com rosas e camélias e meninas.

Nem sempre a noite cobre estas montanhas,  
Deita olhos negros, densos, no jardim.  
Às vezes, entre plantas e canteiros  
Dança uma névoa de flores carpida  
E noivas anuncia do infinito:  
Esta promessa raro se acompanha  
De fatos como abelhas e jasmims.  
Cobre (nem sempre a noite) o tempo inteiro  
Uma sofrida mágica, partida  
Em ser e não estar, um quase grito.



Nem sempre chega até meu nome a arte  
Para me converter no aturdimento.  
Às vezes chega apenas a certeza  
Mas com vazias malas, enganada,  
Um pássaro empalhado como peito:  
Dama sagrada, ainda assim reparte  
Migalhas de seu sonho, um rudimento.  
Manhãs (nem sempre a arte) da pobreza  
Urdidas na rotina palmilhada  
Explodem sem ruído e sem proveito.

Ainda assim, nem sempre é de extinção  
O canto-orvalho às vezes consumado.  
Um globo se imagina todo luz  
E, gota d'água, um pássaro impreciso  
Pode deixar-lhe acesa a irreabilidade:  
Dali pode partir um raio à mão  
Que serve oculta o bem mais preservado.  
Algo (nem sempre o orvalho) assim reduz  
O metro de cantares indecisos  
Ao casto desencontro da verdade.

Como se o anjo nos soubesse as asas  
e adivinhasse em nós algo da essência que perdeu  
/nos séculos,  
e assim traído nos invejasse o cume que alcançamos  
com nossas vistas serenas e majestosamente humanas;

como se a nostalgia do que já não tem o fizesse  
/amargo  
e contra nós voltasse a última flecha de sua aljava  
e fosse a flecha menos incandescente que no início  
/dos tempos  
e fosse a ferida que não nos causara mais uma luz  
/que nos acrescentasse;

como se incrédulo tentasse o retorno a si  
e não se reconhecendo nos admitisse como somos (esta  
obstinação do insuperável que nos vem como uma  
/graça  
que não desejáramos) e impotente na vingança, viesse

beijar nossos pés, nós o receberemos um dia,  
numa espécie de eternidade que só as estátuas  
/procuram,  
e receberemos seu beijo rendido — que no entanto  
a ele nos reconduz e ainda assim o minimiza, por  
/sermos amados da morte.

Eis que a visão atraíça fantasmas:  
a tantos reconheço,  
tantos me atraem com seu vestuário,  
todos traídos pelos meus olhos de morto...

Toco os braços de uma lenda castelã  
e provo os lábios azuis da que se afogou  
entre camélias vaporosas numa tarde sadia.  
Não me culpeis, o vosso amor me tenta...

Eis porque sonho espadas, malhas negras  
e um cálice fatal e o veneno que destruiu  
o último sonho do rei num ácido licor;  
a seus pés estive: era o seu cão

que tudo guardaria para lembrar,  
como estive também nas águas, talvez sob uma forma  
/repelente...

— não me culpeis, há tanto vos contemplo  
que visto em minhas roupas vossas almas...

Mas apenas meus olhos vos seguem  
se vos escuto as vozes, repetidas.

Os que me acompanham pensam que eu sonho um  
/verso  
e eu deixo o vosso verso me sonhar a vida..

Meu receio é nenhum e é imenso,  
nenhum reino doeí às minhas filhas  
nem reino tive  
e não teria filhas se reinasse:  
teria vinhos ácidos na mesa  
e um cão feroz que um dia me matasse  
para galgar a minha realeza.

À noite, ao mar da luz de Aldebarã  
servimos sobre a areia nossas almas  
cansadas, silenciosas, a um deus  
que delas não fez uso nem ouviu  
nosso canto final.

Um horizonte de algas nos cercava  
e sentíamos nossos limites como os dedos  
extremados, últimas folhas na invernia.  
Um luar, como esgotado, nos ouvia  
a respirar, somente, o ar, as nuvens.

Inumeráveis corpos em fileiras,  
à beira do mar estávamos.

A barca não chegou, que nos levasse,  
a luz não rebentou, que nos queimasse,  
ninguém soube ninguém de Aldebarã.

Tua delicadeza feita de garras  
serve suaves lianas que envolvem  
o corpo, o pensamento e seus sepulcros  
num abraço de cisne e de serpente.

Consideras com cuidado a carne: é tenra,  
pensas, é tenra, dizes delicada  
e acrescentas que tem a soberbia dos deuses  
e veste a inocência da lã;

é tenra, dizes, enquanto as mãos  
passeias de enfermeira pela pele  
e os dentes entremostras, aguçados,  
naquilo que entenderei como um sorriso

— desses que são a última lembrança antes do sono,  
o primeiro calor após se ajeitarem as cobertas,  
a mão deslizada pela testa  
antes de me cravares a dor aguda e luminosa  
/da morte.



## A VISITA

Escrevo em curioso silêncio  
que fantasmas comentam.  
Nada escolho ou promovo:  
apenas, sereno, escuto  
o que me sopram do ombro  
e o corvo ou pomba que chegue  
saberá do seu destino;  
sentirei garras ou plumas  
e o suor será de sangue  
ou puro orvalho, em minha frente.

Entra, pastor ou ladrão,  
com tuas ovelhas ou máscaras.

Pelo vento, esta cascata,  
vem devagar com teus pés  
de gato, pelúcia, pluma.  
Minha garganta ofereço  
(onde a voz não importa).

Entra, que espero a chegada,  
tua lã, tuas espadas.

## COMUNIDADE

Há nesta concha um pouco da fumaça  
erguida casual entre volutas  
de rija perfeição:

uma bravata  
de exatidão, compasso inescapável.

Curiosos, em torno, estaremos,  
amantes de tão cara simetria.  
Um ser misterioso igualaremos  
(que se despe a armadura que vestia).

Na concha a mesma história há do anzol.  
Seremos sem rudeza, primitivos,  
reduzidos a peixes, recifes, cantigas  
e ao regimento do sol.

Depois, à noite, uma luz primária  
— talvez de velas —  
servirá a que sonhemos com palavras  
e vivamos caravelas.

## MÁXIMAS INSOLÚVEIS

O corpo é numeroso,  
a voz também.  
Ainda assim, uma vida  
resulta pequena.

Uma única árvore  
desfolhada no campo:  
os pardais se disputam  
um galho quebradiço.

Uma única força  
no deserto do tempo:  
mas todos os homens procuram  
esta gravata.

Todos continuam, tenazes,  
fazendo filhos.  
Todas as formigas recomeçam  
até o inverno seguinte.

A vida resulta pequena  
como os destinos dos barcos:  
— o mar, que devora para o silêncio,  
ou os esqueletos na praia.

O remo e a sombra do remo:  
um para o outro vive.  
Quem vive mais?  
Não sabemos

e nem saber desejamos.  
Sou real nos meus espelhos  
sou palpável nos meus fumos:  
também por isto resulta

toda uma vida  
pequena.  
Algo, em algum lugar,  
vale ou não vale a pena.

## O OLHAR EM TORNO

1. A seção áurea dos livros,  
da janela,  
de duas portas,  
da caixa de fósforos, da embalagem  
eficientíssima dos cigarros.  
Certas linguagens:  
“precisas voltar a mim”  
“as melhores páginas não me viste”  
“deixa-me de vez que te mato aos poucos”  
“incendeio crianças — não auroras”.
2. A “fina ponta do prazer”, que não se gasta,  
e se fabrica aos milheiros  
e dura a vida inteira  
não sabe, quando escreve a palavra  
vergôntea  
que embora mínimo, o peso dos pássaros caídos  
há de tingir de sangue o papel.
3. Ai, manhã desocupada,  
quanto me podes, que não te posso,  
quanto te espero, que não te faço,  
quanto te quis e não comemoro.

4. A limpeza do soalho é perfeita,  
não se nota o luar que dormiu neste retângulo  
sem deixar dobras, como em lençóis.
5. As paredes, não.  
Estão garatujadas pelas crianças  
que assim dão seu primeiro passo científico  
para um dia derrubá-las com um olhar, apenas.
6. Ainda não voltaram do colégio  
onde aprendem a escrever, às custas  
de uma perda maior;  
voltarão ruidosas  
clamando pelo almoço rotineiro:  
mas para elas é como se voltassem de viagem.  
Nunca viram o que vêem todo dia.  
Ainda lhes resta algum tempo.

Não façam

nenhuma cerimônia em que gravatas  
apertem mais o pescoço dos vivos,  
já suficientemente comprimido por dívidas  
e pelos mortos da família e distonias;

nada que obrigue a terra a involuntariamen-  
te receber meu corpo remido e que nada  
teve em vida a ver com ela (exceto  
por alguns episódios de jardinagem  
e a compreensão de uns poemas campestres).

Não pensem

nenhuma imagem que me invoque o humor  
embora este bálsamo tenha retardado  
minha descida aos porões.  
Não devo sorrir a memória alguma.

Muito menos recordem minhas intolerâncias  
e o caminho negro que às vezes tomei  
e me afastava do pomar das palavras, me levando  
para o ácido sombrio que bebi  
mais frequentemente do que se imaginou.



Não busquem  
explicação para determinados poemas  
que acaso terei deixado entre livros alheios  
e anemiados apagaram tudo  
o que os donos da matéria haviam feito:  
há inegáveis contaminações em certas  
/contigüidades  
e uma palavra enferma epidemiza uma página  
/inteira.

Não vejam  
qualquer sinal premonitório nos meus últimos  
/dias:  
esta adivinhação é mais antiga do que a vida  
e foi minha vizinha — conjugalmente —  
por todo o tempo.  
Para a morte  
caminhei sempre sem tréguas, sem esquecimento.

O sal de meus ossos não será próprio  
para iluminar canteiros.

## CHUVA

Vi quando passaste ontem  
e não eras senão um longo vestido transparente:  
a relva mudava de fisionomia  
depois de visitada por teus pés levíssimos.

Eram cinco horas da tarde,  
estava o campo verde, visto do alto,  
deslizavas como uma fada  
um passe de mágica impossivelmente lento  
um milagre  
o que poderia ser para alguns a presença de Deus.

O campo te esperava, oscilante  
em pequenas ondas, que transformavas  
com passar, em meninos premiados  
pelo dismantelo em que deixavas  
as juvenis cabeleiras.

Era de um edifício alto que te via  
organizada  
como não te poderia ter visto se estivesse no solo.  
Foi como se te flagrasse nua.

E ante minhas vistas foste embora  
sabendo que não mais estavas incógnita...  
nem velada;

mas foste lentamente  
sem que te dominasse qualquer vergonha  
ante teu súdito espião,  
rainha despida.

Não te invejo o condão, manhã limpa de artifícios,  
que o mar incendeias para que peixes se aprofundem  
e o céu desabres para que o sol se estabeleça  
em seu grito contínuo que dá saudades da sombra.

Não te invejo a modéstia, pequena tarde atenuada nos  
/bairros,  
com mares já hostis e sonolentos jornais envelhecidos  
precocemente; não te invejo a modéstia de afazeres  
/domésticos  
lavada no sangue de heroísmos ausentes.

Não te invejo o estertorar, sol-posto entre ferimentos,  
que sangras horizontal enquanto te arrastam  
e deixas os dedos rubros desesperados  
nas últimas muralhas deslizados e ainda quentes.

A ti sim, intrigante, invejo os malefícios;  
a ti, que tudo podes, me dedico e aos teus desígnios,  
e negra como estás por ti navego meu barco sem  
/vontade,  
amante de escutar qualquer condenação.

Principalmente, falar cada vez mais baixo,  
até que apenas entendam o movimento  
dos meus lábios mágicos

e certas palavras  
— mais curtas —  
leiam na minha pupila.

## BÁRDICO

Toca de mão leve o coração da primavera  
e vê que a neve se fabrica de tuas invenções de nuvem  
e luz no inverno um sol intempestivo só porque  
teus dedos como setas apontaram pássaros radiosos.  
Mágicas manhãs perdoam a tempestade que deixaste  
/fugir ontem  
agora que teus olhos recordam a relva e o campo.

Anoitecerá em poucos olhos se a lanterna estiver  
/pulsando  
ao sabor da brisa que respiras e se o vinho do  
/crepúsculo  
no rubro das papoulas recortar sua canção  
esquecido de sabres  
e da marca mais simples da morte — o sangue.

Circulará na seiva dos teus rios, uma  
esperança de planura e será claro o futuro das  
/montanhas  
e será tenra a fruta que imaginas  
para dourar o verde que abandona a vaga sombria  
e vem se enternecer ao pé dos vegetais.

Um dia, como se estivesses sempre certo do teu corpo  
e do teu coração perecível tornado eterno e sem  
/desgaste,

um dia  
como se abrisse a alma os braços que perdera  
por vias de infernal monotonia e pálidas promessas,

um dia  
poderás fazer como te digo agora, antecedendo tudo,  
e tocar de mão leve o coração da primavera,  
de onde sai a força que perpetua em palavras os  
/pássaros

e onde a amável memória espera ansiosa  
para a um sinal se abrir e desdobrar  
no espírito da paz narrado pela boca das flores.

## RECEITAS

Retorne ao campo, de onde você veio  
trazendo na cintura o aroma de plantas  
selvagens e por isso mesmo dóceis;  
há um excesso de metais nestas avenidas,

nesta cidade onde não se imagina o orvalho  
e os dias não amanhecem: recomeçam.  
É verdade que algumas cores foram preservadas  
mas objetos esdrúxulos as transportam

de nada para nada. Com o tempo  
você vê tudo em branco e preto  
como nos pesadelos

como na memória da sua vida adulta  
já despida dos amarelos antigos  
de quando você e o tempo, amantes, se ignoravam.



Passe o domingo à margem dos canteiros  
onde sementes dormitam, retardando  
seu descaminho floral para a manhã;  
passe o domingo

às margens deste rio, onde peixes enérgicos  
se dirigem com ansiedade para o fim próximo,  
na cascata que termina em rochedos sua escadaria;  
passe o domingo

à margem desta rua, onde passa, domingueiro, um  
/cão,  
e um quadro se compõe para dar a tudo a certeza  
de que o tempo parou e todas as dores adormeceram;  
passe o domingo

à margem de si mesmo, como se fosse possível  
conceber tal solidão: aquela  
que ausenta de si mesma sua origem,  
uma solidão sem clausura e sem memória.

Alguns ainda têm algo a dizer  
e o fazem como se o mundo começasse em sua boca  
e brilha nos seus olhos um lume que reconheço  
embora já não possua.

Também já fui dragão como eles  
mas não lhes antecipo o destino:  
silêncio.

Também já fui dragão,  
agora sou apenas uma lenda ou uma estátua  
e é a saudade de mim que lhes incendeia o olhar.

Um caso de velhice:  
o que esta árvore  
procura mencionar, se perde em ramos secos,  
frases sem palavras.

Já ninguém a entende.  
Já não recorda crianças  
e entre elas, uma, especialmente,  
que a olhou com fixidez

e a ela se comparou por toda a vida  
sem imaginar que lhe veria a morte.  
Portanto é também agora  
um caso de morte:

morreu antes e para cima,  
dirigiu a nuvens o esgar de estátuas  
em que se confinou.  
Mas não é um rígido caso de estátua

com uma história singular;  
é um caso de árvore, de árvore morta  
depois de beirar o sangue na seiva,  
depois de imitar o sonho na brisa.

Tome o tempo nas mãos,  
este  
pássaro molhado,  
esta  
vela que vacila e promete  
e  
espere,  
o que é apenas deixá-lo em paz.

Não se pode garantir que algo se escute  
ou venha de onde não havia, o bem, uma  
/palavra,  
mas  
há-de alguma coisa acontecer de estranho  
como  
ficarem os rios a ver correrem as margens,  
chegar ao fim o azul que nuvens inertes  
/contemplam,  
beijar teu nome um ferimento que temias.

(Única recomendação, o cuidado  
para não sufocá-lo,  
não deixar que escape  
e de uma ou outra maneira ilume os campos da noite).

Há alguém, já disseram, no oceano,  
nadando contra a vaga.  
E alguém que ainda respira esta bruma  
que vem da vela de naves antigas.

Há alguém aguando o lajedo  
e educando pássaros que deverão  
povoar o sol para fazer justiça  
às árvores incandescentes que lá estão.

Há alguém que penteia os cabelos do morto  
e fuma um cigarro que não terminará.  
Há pintores furiosos pintando edifícios,  
desesperados das telas, pintando palavras

desesperados das cores, pintando poemas  
cansados de ouvi-los, esculpindo  
no mármore uma enorme sinfonia  
para fazê-la explodir quando amanheça.

Há alguém caminhando na viela,  
alguém no último ramo da macieira  
para a maçã que o vento esqueceu de roubar  
a este último olhar que adoro e me acompanha.

Desceu de altares que ninguém visita  
há muitos anos, a noite.  
Veio vestida do silêncio alheio  
banhar teu pobre peito machucado,  
a antiga fonte que julgavas morta.

Pois te descobres viva, logo escutas  
os séculos, passando.  
No teu aturdimento estremeces  
além do tempo e dos segredos do musgo.  
Tua memória já é uma casa que recusas.

Não te repousa o ver teu sangue  
dar a todos os objetos uma alma que não tinham?  
Nem saber que só um áspero passado  
te traria até este lugar  
onde a espereza perde seus cavalos?



## AS SENTENÇAS

um ciclo de  
oito poemas

... “The townsman thought him miserly and simple,  
Unhappy poets took him for the truth,  
And tyrants held him up as an example”.

W. H. Auden  
(Sonnets from China — IV)

## A PRIMEIRA SENTENÇA

O perdão vos demando  
pois sabeis muito bem o que fazeis.

Acaso não soubésseis, não me haveríeis  
posto aos quatro ventos, pleno,  
entre essas cruces, que são três

como eu mesmo;  
nem os pés me cravaríeis, com matéria  
até então equivocadamente concebida  
para a feitura de mesas e bancos  
que eu mesmo fabriquei antes de me revelar inútil;

nem sobre a fronte me estariam palavras  
de que vivi e divulguei como se fossem gemas  
e aos cinco mundos vendi para inventar poetas

nem sobre o corpo, muito ao descuroado,  
o manto alvíssimo  
de fazer pombas  
me haveríeis manchado, com um sangue talvez meu,  
talvez delas;

nem esta lança que feriu meu flanco  
seria tão exata, impulsionando  
meu corpo mais depressa para a morte  
como um pé sobre o ombro do afogado;

nem haveria sombra nesta hora de vossa glória  
que por certo desejais mesmo obscura e modesta;

nem haveria pranto de tão poucos  
e pássaros mais fiéis recobririam meus ombros  
com suas penas mais verazes do que as minhas;

nem haveria esta perpetuidade de estátuas  
com a função de me repetir à dor dos séculos  
e muito menos essa tentação de falar em meu nome  
que ocorre àqueles que apenas entenderam meus

/versos.

## A SEGUNDA SENTENÇA

Ainda hoje estarás, à sombra de todos os tempos  
e de todas as memórias, posto à parte:  
ali será o país em que vegetais  
flutuam no ar como as algas no mar  
e a brisa é mais leve que o silêncio marinho.

Ainda hoje estarás, comigo,  
ligado por algemas como flores  
atado por lianas como nuvens  
zelado apenas pelos horizontes:  
um claro amanhecer que se decifra  
às brumas ultimadas, um sereno  
saber que não te cansa e a nada obriga.

Ainda hoje estarás comigo no paraíso,  
onde não mais perseguiremos o corpo  
confinado  
a seus parques limites: um arbusto  
que menos que um arbusto se desloca  
e mais do que podia, imaginou.

Ainda hoje  
terás as mãos sobre objetos e invenções  
que teus olhos imaginosos conceberão  
para doar: um furto aos homens, uma declarada  
escolha só a pássaros servida.

Ainda hoje estarás: não haverá  
nenhum sinal de dor onde eram cravos  
de ferro novo nos teus pés, nos meus.  
Alguns nomes podem se conservar pelo caminho,  
mas serão flores, agora e mais suaves:  
coroam mortos, como nós seremos,  
mas estarão sandálias, neste rumo  
por onde iremos.

## A TERCEIRA SENTENÇA

Um filho fui que tanto amargurei  
quanto presto parti, ao meu destino:  
se às lágrimas de ti me abandonei,  
outras de mim guardei, desde menino.  
Agora deixo, mulher, o teu filho  
que a dor também me tem, mas sem poderes  
e humilhar-se não pode quanto humilho  
o mundo que me estás ao me perdes.  
Que o filho te receba, filho agora  
e irmão e filho meu, há tantos anos:  
que seja minha a noite que ele chora,  
que sejam meus enganos seu engano,

pois filho e mãe vos faço quando é hora  
de recobrar-me em mim, divino e humano.



## A QUARTA SENTENÇA

Nesta hora, cuidas que o rio corra a mesma direção  
para que as margens sejam sempre direita e esquerda;  
cuidas que haja montes simétricos e entre eles,  
lençol, repouse o vale, para os olhos;

cuidas o que a tudo lembra acerto, medida justa  
e a estatura dos homens preconcebes  
para que não haja muitas cabeças entre nuvens  
e poucos se despenhem no abismo à esperança de voar.

Mas que posso pensar contra esta barra  
de ferro que me oprime o peito e quando sinto  
a dor, a dor humana lançada a mim  
    por tua vontade  
    por julgares que assim  
mais lúcido me elevo à minha divindade?

Só penso a dor, uma dor de pele e ossos,  
distante de meus pássaros, meus versos:  
a dor que me fabrica  
e nas mãos meu barro esmaga impiedosa  
como a menina louca faz bonecos.  
A dor sou eu! Por que me abandonaste?

Pára-me o que pensei e achou a vida  
à forma de animais, em luz, nos frutos  
e como me ordenaste, regulei  
para seguirem juntos e ligados:  
agora o que lhes tenho é desespero  
e abandonado deles, me despenho  
nesta queda sem fim, de cruz tão baixa.

Fiquei, como eles mesmos, tão pequeno

que só neste amargar a dor tão nova  
me reconheço;  
herdei o que doara nestes cravos  
e quanto te arrependes no meu corpo  
assim também lamento o que pudera;  
de tudo esqueço, porque estou sozinho  
entregue à dor, entregue à dor, que é simples.

Mas por que não me agridem, como faço,  
nem se rebelam contra mim, que os deixo  
para morrer apenas o meu corpo?  
Que ao menos me dissessem, como digo,  
feridos deste mal, de igual terror  
— meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

## A QUINTA SENTENÇA

Agora é hora de sol:  
tenho sede.  
Pobre boca que sabia versos...  
Agora tem sede.

Meu corpo, perpetuado  
como se fosse abraçar montes,  
não faz nenhuma sombra:  
a pino, o sol martela; tenho sede.

Uma tonsura, sinto, se crava  
em minha cabeça perfurada  
pelo dardo de luz vertical.  
Meus olhos não vêem nada. Tenho sede.

À noite, reposto à sombra,  
talvez sinta o frio  
que sobe pelos montes, peregrino.  
Talvez então esqueça tudo.

Mas agora sonho um rio,  
sonho lagos, sonho cântaros,  
reduzido à sede, à sede, apenas,  
esta palavra agreste que me envias.

De nada sei, nada soube,  
não fui pescador, esqueço a rede,  
não multiplico peixes: penso as águas  
e tenho sede, tenho sede, tenho sede.

## A SEXTA SENTENÇA

Para que os vermes cavem os seus túneis  
tudo está consumado.  
Para que os mortos chorem os seus vivos  
tudo está consumado.  
Para que a chuva insista em dar vida à relva  
tudo está consumado.  
Para que o mar faça peixes dos homens  
tudo está consumado.  
Para que escrevam meu nome  
tudo está consumado.  
Para que alguns se arrependam  
tudo está consumado  
tudo está consumado.

Mas nem tudo foi dito nem escrito.  
Nem tudo está sabido ou compreendido  
e dúvida haverá pelas balanças.  
Levo e não levo o bem, não vou restrito  
ao mundo das metades, dividido.

Pesa-me o flanco à dor e à luz da lança;  
mas o quanto de mim já se eterniza  
abre-me a calma à noite que agoniza  
incomum, incomumente e ao meu lado.  
Para que não saibam: silêncio;  
para que não sintam: não penso;  
esqueço o peixe, a cruz e a fala  
que tanto parecem claros  
mas são segredo velado: nem tudo  
está consumado.

## A SÉTIMA

Último fôlego ao frágil pulmão da vela,  
última pluma a resistir ao frio,  
última lâ para negar a tosquia,  
em vossas mãos encomendo meu espírito.

Agora já não há mais dor, nem há sede,  
acalma-me um zero infinito  
e desço quanto ascendo, em meu caminho findo:  
em vossas mãos

encomendo meu espírito múltiplo,  
vegetal, mineral, humano, líquido,  
em taça que ofereço com silêncio.  
Em vossas mãos

encomendo, para que julgueis,  
o espírito de quantos fui, por estes anos,  
e pelo que deles vi nestes minutos  
de dor.

O espírito dos outros, desvalido,  
em vossas mãos encomendo pelas minhas  
— onde o metal que me cravaram  
vai feri-los  
e neles ficar sangrando.

## (A OITAVA SENTENÇA

Que paraíso amável me custou  
falar do paraíso.

Que amores descarnei, para falar  
de quanto amava e não era preciso.

Nem tanto às mãos me entregasse  
e aos olhos me desse...

Sagrados interiores desvendei  
que a luz do mundo empobrece.

Mas mesmo assim, um vegetal na pedra,  
cercado de um futuro rude,  
minha sentença verde expedi  
à sombra circundante, quanto pude.

Ai, poucos pássaros foram fiéis...  
Que laje me perdoa?

Acaso sabe o morto de seu mal?  
As mortes que me encontro, encontro boas...

Curta viagem, ferida  
num raio, de outros raios desgarrado:  
a única certeza foi a brida  
ferindo a boca do cavalo errado.)



Composto e impresso nas oficinas gráficas da  
Editora Universitária da Univ. Fed. de Pernambuco  
Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 — Eng. do Meio  
Fone: 27.03.58 — 50.000 - Recife - Pernambuco